



University of
Texas Libraries



e-revist@s

Sumários.org



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 21, n. 12, art. 4, p. 73-91, Dez. 2024

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2024.21.12.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

O Estado do Rio de Janeiro e os Museus: Percursos para Desvendar Outras Cidades Maravilhosas

The State of Rio de Janeiro and the Museums: Route to Discover Other Wonderful Cities

Renata de Almeida Oliveira

Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA)

E-mail: renataa.oliveira@unigranrio.edu.br

Endereço: Renata de Almeida Oliveira
UNIGRANRIO R Professor José de Souza Herdy, 1160 -
Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ,
25071-202

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 24/10/2024. Última versão recebida em 06/11/2024. Aprovado em 07/11/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar alguns resultados do projeto “Museus do Rio”, que se concentra na divulgação e compreensão dos museus situados no estado do Rio de Janeiro, sob minha ótica como pesquisadora e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) entre 2009 e 2011, sob a coordenação da Profa. Dra. Regina Abreu. O principal enfoque recai sobre a metodologia que chamamos de “etnografia audiovisual dos percursos”. Por meio de pesquisa de campo e da utilização de recursos audiovisuais, pudemos adotar uma abordagem etnográfica, com certo aprofundamento nos processos de construção da memória social que os museus promovem, especialmente no que tange à memória coletiva e suas dinâmicas sociais (Halbwachs, 1990; Huyssen, 2000).

Palavras-chave: Museus. Patrimônio Cultural. Cidades. Memória e Patrimônio. Etnografia Audiovisual dos Percursos.

ABSTRACT

This article aims to analyze some results of the “Museus do Rio” project, which focuses on the dissemination and understanding of museums located in the state of Rio de Janeiro, from my perspective as a researcher and master's student in the Postgraduate Program in Social Memory (PPGMS) from the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) between 2009 and 2011, under the coordination of Profa. Dr. Regina Abreu. The main focus is on the methodology we call “audiovisual ethnography of routes”. Through field research and the use of audiovisual resources, we were able to adopt an ethnographic approach, with a certain depth in the processes of construction of social memory that museums promote, especially with regard to collective memory and its social dynamics (Halbwachs, 1990; Huyssen, 2000).

Keywords: Museums. Cultural heritage. Cities. Memory and Heritage. Audiovisual Ethnography of Routes.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este artigo, considero substancial destacar seu título, com o qual pretendi que fosse meio poético e meio acadêmico. O título "O Estado do Rio de Janeiro e os Museus: Percursos para Desvendar Outras Cidades Maravilhosas" reflete a proposta central deste artigo, que busca explorar a rica diversidade cultural e identitária do estado do Rio de Janeiro, enfatizando que existem outras cidades que podem ser maravilhosas para além da capital. Quando trago a expressão "Estado do Rio de Janeiro" pretendo estabelecer um contexto geográfico e social que destaca a importância dos museus como protagonistas na narrativa de histórias e memórias locais. Esses espaços não se limitam a ser meros repositórios de objetos, mas são, na verdade, locais dinâmicos que promovem a reflexão sobre o passado e o presente das comunidades.

Ao utilizar o termo "percursos", o título indica a metodologia adotada no projeto "Museus do Rio", que envolve trajetórias de exploração e descoberta. Essa abordagem que chamamos de "etnografia audiovisual dos percursos" não se restringe à visita, mas propõe uma imersão nas narrativas que moldam as diversas realidades do estado. Cada percurso realizado nos museus oferece uma oportunidade de aprofundar a compreensão das histórias locais, revelando dimensões ocultas das identidades carioca e fluminense.

A metodologia da "etnografia audiovisual dos percursos" no projeto Museus do Rio se destaca como uma abordagem inovadora que combina pesquisa etnográfica e produção audiovisual para explorar as narrativas culturais das diversas regiões do estado. Essa metodologia envolve não apenas a visita aos museus, mas uma imersão nas histórias locais, permitindo um olhar atento sobre as dinâmicas sociais, culturais e históricas que moldam cada comunidade. Ao registrar as experiências por meio de vídeos, fotografias e relatos, buscamos capturar a essência das interações entre os visitantes e os museus, transformando esses espaços em palcos de narrativas vivas. Essa abordagem visa promover uma compreensão mais profunda das identidades regionais, ao mesmo tempo em que valoriza as vozes e histórias que frequentemente permanecem à margem das narrativas oficiais. Segundo Caiafa (2007:135), "A etnografia é ao mesmo tempo um tipo de investigação e um gênero de escritura que se desenvolveu na tradição antropológica. Mas ela surge de fato com outras tradições e experiências, sobretudo os relatos de viagem". (2007:135)

A etnografia, como método de pesquisa, busca compreender as vivências e práticas culturais em contextos específicos, permitindo uma imersão nas realidades locais. No âmbito do projeto "Museus do Rio", essa abordagem se expandiu para o que chamamos de

“etnografia audiovisual dos percursos”. Essa metodologia combina a investigação etnográfica com a produção audiovisual, proporcionando uma forma rica e dinâmica de explorar as narrativas dos museus e suas interações com as comunidades.

Ao realizar os percursos, não apenas observamos e registramos as histórias e memórias que emergem desses espaços, mas também envolvemos narradores locais — que podem ser funcionários, visitantes ou moradores — para que compartilhem suas perspectivas. Essa interatividade enriquece o processo de pesquisa, revelando camadas de significado que podem passar despercebidas em uma abordagem mais tradicional. Assim, a etnografia audiovisual dos percursos torna-se uma ferramenta poderosa para captar a complexidade das identidades culturais no estado do Rio de Janeiro, permitindo que as vozes locais sejam ouvidas e valorizadas.

A expressão "desvendar outras cidades maravilhosas" sugere que, além da capital, o estado abriga uma pluralidade de cidades que possuem sua própria beleza e riqueza cultural. Através da pesquisa e da interação com esses espaços, é possível acessar não apenas as narrativas oficiais, mas também aquelas que foram marginalizadas ao longo do tempo. Assim, o título evoca a ideia de que o Rio de Janeiro é heterogêneo e que ao explorarmos seus museus nos permitimos descobrir e valorizar a diversidade do patrimônio cultural presente em diversas localidades.

Em suma, o título integra a essência do artigo ao conectar o estado do Rio de Janeiro e suas instituições museais, propondo uma jornada de descoberta que enriquece a compreensão da pluralidade das identidades e histórias que compõem essa região, destacando que há muitas "cidades maravilhosas" além da capital, cada uma com suas particularidades e encantos.

2 METODOLOGIA

A metodologia da “Etnografia audiovisual dos percursos” incorporou ferramentas digitais e fotográficas para gerar produtos que foram disponibilizados no portal www.museusdoriorio.com.br. Desse modo, com este artigo, busco assegurar que a memória do projeto “Museus do Rio” seja preservada e continuada, levando em consideração a constante transformação dos museus e das cidades

Durante os percursos museais, percebi como cada local funcionava como um lugar de memória, evocando experiências, sentimentos e histórias que são fundamentais para a construção de identidades (NORA, 2012). Os museus, longe de serem apenas espaços de exposição, revelaram-se como verdadeiros guardiões de memórias coletivas. Cada visita

trouxe à tona narrativas que, embora específicas, dialogavam com questões universais sobre pertencimento e resistência cultural.

Os narradores que encontramos durante as visitas desempenharam um papel crucial. Eles não apenas compartilharam suas histórias, mas também contextualizaram a importância dos museus como mediadores entre o passado e o presente. Através de suas vozes, conseguimos captar as nuances das experiências vividas nas comunidades, transformando o ato de visitar um museu em um encontro dinâmico e interativo. Esses narradores, muitas vezes membros das próprias comunidades, ofereceram uma perspectiva autêntica e íntima sobre a história do lugar, enriquecendo minha experiência e ressaltando a importância da memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

As narrativas apresentadas nos museus refletem as complexas interações sociais, políticas e econômicas que influenciaram o estado do Rio de Janeiro. Desde as histórias de resistência dos povos indígenas até as lutas por direitos civis nas favelas, cada relato contribuiu para um entendimento mais profundo de suas próprias memórias e histórias. Essa diversidade de vozes e experiências destacou a função dos museus como espaços de inclusão, cuja memória é não apenas preservada, mas também recontextualizada por meio de narrativas vivas (BENJAMIN, 1989).

O projeto “Museus do Rio” revelou a pluralidade das identidades no estado do Rio de Janeiro através da lente dos lugares de memória e do papel vital dos narradores. A experiência vivenciada nos percursos dos museus demonstrou que esses espaços são essenciais para a preservação e a valorização das histórias que compõem a cidade. Ao promover o diálogo entre narradores e visitantes, os museus não apenas se tornaram locais de aprendizado, mas também fomentaram um senso de pertencimento e apropriação cultural. Portanto, este artigo destaca a importância dos museus como lugares de memória dinâmicos, convocando à reflexão sobre como podemos coletivamente celebrar e preservar as múltiplas facetas do Rio de Janeiro, reforçando a ideia de que o patrimônio cultural é, em essência, construído por suas narrativas vivas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O Projeto Museus do Rio: Percursos e Panoramas

Este artigo dá início ao seu percurso com a aprovação de um projeto pela FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), desenvolvido no âmbito do

Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), sob a coordenação da Profa. Dra. Regina Abreu, em parceria com o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). O projeto, intitulado “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”, busca explorar as interconexões entre memória, cultura e desenvolvimento social no contexto museal fluminense.

A ideia inicial do projeto partiu de uma consulta ao Cadastro Nacional de Museus desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus. Em 2006, foi implementado um importante instrumento na esfera da Política Nacional de Museus (PNM), conhecido como Cadastro Nacional de Museus (CNM), com o objetivo de mapear e conhecer as instituições museológicas brasileiras. Desde sua criação, o CNM registrou mais de 3.700 museus em todo o país, tornando-se uma fonte essencial de informações sobre esse setor. Reconhecendo a importância de dados de qualidade para a formulação e monitoramento de políticas públicas voltadas aos museus, o CNM tem trabalhado constantemente para aprimorar a coleta e a divulgação dessas informações.

A partir de 2015, com a intenção de aumentar a transparência na gestão pública e assegurar a participação da sociedade, o Cadastro passou a utilizar a plataforma Museusbr. Estabelecida pela Portaria Ibram nº 215, de 4 de março de 2021, Museusbr é um sistema nacional dedicado à identificação e mapeamento colaborativo de museus, além de facilitar a gestão e o compartilhamento de informações sobre as instituições museais do Brasil.

Os princípios que norteiam a plataforma incluem a adoção de software livre, a colaboração, a descentralização, o uso de dados abertos e a transparência. Museusbr visa disponibilizar, de forma eletrônica, informações atualizadas sobre a diversidade dos museus brasileiros, contribuindo para o conhecimento do setor. A plataforma integra dados provenientes tanto do Cadastro Nacional de Museus quanto do Registro de Museus (RM), e pode incluir informações de outros instrumentos da Política Nacional de Museus que sejam implementados pelo Ibram.

A gestão da plataforma Museusbr¹ é realizada pelo Ibram e compartilhada com entidades registradoras em rede, conforme o inciso VIII, artigo 3º, da Resolução Normativa Ibram nº 17, de 22 de março de 2022. Essa colaboração visa à coleta de informações, à elaboração de cartografias, à disponibilização de dados e à produção de conhecimento sobre os museus no Brasil.

¹ Ver em <https://cadastro.museus.gov.br/>

Em 2009, quando o projeto teve início, constatamos que no período de desenvolvimento do projeto, que teve início em 2009, havia no estado do Rio de Janeiro mais de 200 museus. A capital abriga quase 50% do total dessas Instituições e as demais se distribuem entre cerca de 40 municípios. Atualmente o estado do Rio de Janeiro conta com 332 museus cadastrados no CNM, sendo 158 apenas na capital.

Nesse sentido, alinhado à Política Nacional de Museus, o objetivo foi difundir o projeto Museus do Rio através de três instrumentos específicos: um guia analítico; um site contendo todo o material adquirido e uma coletânea de DVDs com documentários que foram lançados no “Encontro dos Museus do Rio, no ano de 2010, e atualmente estão disponíveis no site Museus do Rio² e no YouTube³. Dessa forma, foi necessário decidir uma metodologia a ser seguida para a realização do projeto.

Assim, iniciamos uma “etnografia dos percursos” pelo estado, na qual vivenciamos a experiência do viajante que explora uma região, exercitando um olhar curioso que provoca estranhamento, questionamentos e a busca por novos ângulos, perspectivas e facetas de paisagens já conhecidas e consagradas (ABREU, Texto Inédito). A etnografia, nesse contexto, representa um processo de pesquisa que se desenvolve a partir do campo, onde as dinâmicas e interações observadas são fundamentais para a concretização do trabalho. Essa abordagem permite que a pesquisa se amplie com as vivências e os agenciamentos proporcionados pelas realidades locais.

Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada, uma mudança. Deleuze (1977:84) escreve que a única unidade do agenciamento é o “co-funcionamento”, que ele também chama de “simpatia”. Na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de conexão, de falar “com”, agir “com”, escrever “com”. A *simpatia* para Deleuze (1977:66) é essa composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais, verbais etc.), essa “penetração de corpos”, essa afecção nos agenciamentos, e não “um vago sentimento de estima”. Pode envolver amor ou ódio, ela é o modo de conexão nos agenciamentos, o “co-funcionamento”. (CAIAFA, 2007, 152)

Analisamos a divisão do estado do Rio de Janeiro em suas oito regiões econômicas — Metropolitana, Costa Verde, Costa do Sol, Médio Paraíba, Serrana, Centro-Sul Fluminense, Norte Fluminense e Noroeste Fluminense — e, em cada uma delas, descobrimos identidades distintas. Cada identidade carrega consigo uma história singular, e cada história é repleta de memórias. Com base nesse entendimento, desenvolvemos diversos percursos, nos dedicando a filmar, fotografar e observar, além de “flanar” e descobrir personagens que vão desde pessoas,

² Ver em www.museusdorio.com.br

³ Ver em <https://www.youtube.com/@reginaabreu1632>

ruas e estradas até, principalmente, os museus. Estes últimos se destacam como nossos protagonistas, verdadeiros narradores das narrativas urbanas.

Os museus que foram pesquisados neste projeto estavam inseridos em uma rede de múltiplas relações que se estendiam por diferentes espaços e temporalidades, constituindo-se como parte integrante da própria história da região. As possibilidades de análise, foco e significados atribuídos a essas instituições eram diversas, revelando que não estavam restritas a estruturas fixas de concreto. Pelo contrário, eram entidades dinâmicas que funcionavam como “signos de múltiplas narrativas sobre si mesmas e sobre o espaço em que se encontravam” (ABREU, mimeo). Essa fluidez permitiu que os museus dialogassem continuamente com suas comunidades, enriquecendo as histórias que contavam e as memórias que preservavam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto Museus do Rio revelou-se uma iniciativa fundamental para o entendimento da diversidade cultural e histórica do estado do Rio de Janeiro, destacando a importância dos narradores na construção das narrativas museais. Os narradores, que incluem moradores locais, funcionários de museus e apaixonados pela história de suas comunidades, desempenham um papel crucial na mediação entre os acervos e o público. Por meio de suas vivências e conhecimentos, esses indivíduos trazem à tona histórias que, muitas vezes, estão ausentes dos discursos hegemônicos, enriquecendo a experiência museológica e promovendo uma conexão mais profunda com as identidades locais.

A metodologia da etnografia audiovisual dos percursos permitiu uma imersão nas realidades das diversas comunidades que abrigam os museus. Os narradores encontrados ao longo desses trajetos revelaram-se fontes valiosas de informação e sensibilidade. Por exemplo, em visitas a instituições como o Museu de Arte Sacra de Cabo Frio, a presença de um narrador local que compartilhou sua paixão pela história e suas memórias pessoais foi fundamental para que os visitantes compreendessem o significado da arte sacra no contexto da cidade. Esse tipo de interação não só humaniza o espaço museal, mas também transforma o museu em um local de diálogo e reflexão.

Além disso, os narradores também atuaram como agentes de resistência cultural, especialmente em regiões onde a memória indígena e outras vozes marginalizadas estão em risco de apagamento. Através de suas histórias, os narradores contribuíram para a valorização de memórias subterrâneas que, embora frequentemente negligenciadas, são essenciais para a compreensão da complexidade cultural do estado. Essa reivindicação por espaço e

reconhecimento nas narrativas museais demonstra que a construção da memória coletiva é um processo dinâmico e colaborativo e a participação ativa dos narradores é imprescindível.

Os resultados do projeto Museus do Rio sublinham a importância dos narradores como elementos centrais na formação das identidades locais e na preservação das memórias coletivas. A sua contribuição para a narrativa museológica enriquece não apenas a experiência do visitante, mas também fortalece a posição dos museus como espaços de resistência, diálogo e transformação social. Ao reconhecer e valorizar essas vozes, o projeto não apenas documentou o presente, mas também lançou bases sólidas para futuras pesquisas que busquem compreender as intersecções entre memória, identidade e cultura nas dinâmicas museais do estado.

4.1 Encontros nas cidades: Museus e seus Narradores

A proposta deste trabalho não foi encontrar um informante em cada museu e fazer as mesmas perguntas, nem buscar cenários semelhantes ou seguir caminhos que criassem uma unidade. Em vez disso, nosso objetivo foi descobrir narradores: moradores da região, funcionários dos museus — muitos dos quais também eram residentes locais — e indivíduos que, na esfera privada, se dedicavam a criar e preservar os museus com a intenção de salvaguardar a memória local (NORA, 2012). Esses protagonistas foram verdadeiros guardiões da memória, cujas histórias e experiências enriqueceram a compreensão do patrimônio cultural e da identidade da comunidade. Deste modo,

Na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabelecerá com as pessoas que encontra no campo. Estes são chamados “informantes” na tradição antropológica – um tanto inadequadamente, já que tal expressão, ao mesmo tempo que traz uma ressonância policial, dá a entender que aquilo que o etnógrafo coleta é apenas informação. (CAIAFA, 2007,137)

As relações estabelecidas no campo entre o observador-participante e o narrador, então, é diferente da relação com o informante. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1993, 198).

A narrativa desempenha um papel fundamental na comunicação humana, funcionando como um meio de conectar experiências e memórias que atravessam o tempo e o espaço. No

contexto de nosso estudo, a figura do narrador se torna crucial, pois é através dele que o passado é resgatado e reinterpretado no presente. Essa reaproximação de experiências, muitas vezes distantes, é mediada pela vivência pessoal do narrador, que traz consigo um rico repertório de histórias e saberes. Como observa Gonçalves (2009), os grandes modelos de narradores incluem o velho artesão, portador das tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que relata suas aventuras em mares desconhecidos. Essas figuras ilustram a importância da experiência pessoal e da memória na construção de narrativas que enriquecem nossa compreensão do mundo.

Dessa forma, podemos associar o velho artesão aos narradores que encontramos ao longo do caminho, enquanto os etnógrafos se assemelham ao marinheiro, que compartilha suas experiências adquiridas durante as viagens. Em muitos museus, encontramos a figura do velho artesão benjaminiano: pessoas que conhecem profundamente a história da cidade e transformam essa narrativa em suas próprias memórias. Esses indivíduos não apenas participaram da construção da identidade local, mas também reconhecem a importância de preservar essas memórias, contribuindo assim para a continuidade e valorização do patrimônio cultural.

Os percursos pelos museus foram realizados entre os anos de 2009 e 2012, um período marcado por diversas experiências de pesquisa e interação com instituições culturais. As mudanças nos contextos políticos, econômicos e sociais que ocorreram após esse período podem ter levado ao fechamento de algumas dessas instituições ou à sua inatividade atual. Embora a proposta de um novo mapeamento seja essencial para atualizar os dados já registrados no site "Museus do Rio", o foco deste trabalho é expor os percursos desenvolvidos durante o projeto em seu tempo. Essa abordagem busca servir como uma tentativa de preservar a memória do projeto e dos museus que foram objeto de pesquisa, mapeamento e visitação, destacando a relevância das experiências e registros acumulados pelos pesquisadores ao longo desse processo⁴.

Nesses percursos, encontramos uma variedade de narradores, cada um com suas características singulares. No percurso de Cabo Frio, na Costa do Sol, visitamos o Museu de Arte Sacra e Religiosa, instalado em um antigo convento de frades franciscanos, onde a narradora expressa sua preocupação com aspectos específicos da história nacional e oficial. Em contraste, exploramos o Museu do Surf, que nasceu da paixão de um aficionado pelo esporte, que transformou sua coleção particular em um museu privado. Este espaço abriga

⁴ Todos os nomes dos entrevistados foram preservados, sendo substituídos por nomes fictícios.

cerca de 400 pranchas de diferentes épocas, além de revistas, troféus, camisetas de campeões e outros objetos que narram a trajetória do surf ao longo dos anos. Ainda em Cabo Frio, encontramos um ambientalista que, como narrador, compartilha sua profunda paixão pela natureza e sua preocupação com a sua preservação, acrescentando uma nova dimensão às histórias da cidade.

Tem coisa melhor que estar na cidade, na praia e na natureza? Cabo Frio tem. É só questão de explorar a natureza de uma forma legal, sem agressão e fazer uma fusão do lado ambiental, da natureza que nós temos com a cultura que nós temos e com a parte barroca, clássica. (...) Crescer com inteligência e não esquecer o patrimônio natural, cultural e histórico que nós temos. (Entrevista com EG, Cabo Frio, 04/04/2009)

Encontramos narradores que são parte integrante da história da cidade, como Geraldo, que transformou sua vasta coleção de conchas em um "Museu das Conchas" em Mangaratiba, na Costa Verde. Também conhecemos Francisco, que sempre teve o desejo de adquirir o prédio onde hoje funciona o Solar dos Mellos em Macaé. Embora a proprietária não quisesse vendê-lo, ele conseguiu comprá-lo durante seu período como prefeito, transformando-o em um museu que preserva e conta um pouco da história da cidade. Desse modo, colecionamos museus e encontramos múltiplas vozes e múltiplas possibilidades em um estado que nos mostra a cada ida a campo suas múltiplas identidades nos agenciamentos proporcionados pelo campo.

Em suma, neste texto destacamos a diversidade de narradores e experiências encontradas nos percursos pelos museus do estado do Rio de Janeiro entre 2009 e 2012. Ao invés de simplesmente coletar informações, a pesquisa etnográfica buscou estabelecer conexões significativas com aqueles que vivem e preservam a memória local, que transformaram suas paixões em instituições culturais. Essas interações revelaram a importância dos museus como espaços dinâmicos de contação de histórias, onde cada narrador contribui para a construção de uma identidade coletiva rica e multifacetada. Dessa forma, nosso trabalho não apenas mapeou instituições, mas também iluminou as vozes que ecoam em suas paredes, reafirmando a relevância do patrimônio cultural na formação das identidades regionais.

O projeto Museus do Rio proporcionou um aprofundamento significativo nas discussões sobre o papel dos museus como instituições culturais e sociais, especialmente no contexto do estado do Rio de Janeiro. Através da metodologia da etnografia audiovisual dos percursos, foi possível explorar não apenas as coleções e exposições, mas também as narrativas dos diversos protagonistas envolvidos. Essa abordagem permitiu uma análise mais

rica e multifacetada, revelando como os museus funcionam como espaços de memória e identidade, interagindo diretamente com as comunidades locais.

Uma das discussões centrais emergentes do projeto diz respeito à relação entre memória e identidade. Os museus foram analisados como plataformas que, ao preservar objetos e relatos históricos, contribuem para a construção de identidades coletivas. A participação de narradores locais, que compartilham suas histórias e saberes, enriqueceu essa construção, permitindo que vozes frequentemente marginalizadas ganhassem espaço nas narrativas oficiais. Essa dinâmica evidencia como os museus podem funcionar como arenas de contestação, onde diferentes memórias e identidades se encontram e dialogam, contribuindo para uma compreensão mais ampla da história local.

Ademais, o projeto destacou a importância dos museus como agentes de transformação social. Ao engajar com as comunidades e promover atividades que valorizam a cultura local, os museus se configuram como espaços de resistência e revitalização cultural. Narradores que atuam como mediadores entre o acervo museal e a comunidade ajudam a fomentar um senso de pertencimento e orgulho, promovendo uma reapropriação do patrimônio cultural. Essa conexão é vital para o fortalecimento das identidades locais, além de promover a inclusão social e a valorização da diversidade cultural.

Outro aspecto discutido no projeto foi a relevância da etnografia audiovisual como ferramenta para documentar e refletir sobre as práticas museais. Essa metodologia não apenas captura as interações entre narradores e visitantes, mas também revela as nuances das experiências vividas em cada espaço museal. Ao utilizar a audiovisualidade, o projeto ampliou o alcance das narrativas, permitindo que os relatos e as imagens se entrelaçassem para criar uma representação mais vívida e impactante das memórias e identidades em questão. Assim, a etnografia audiovisual se mostrou uma abordagem eficaz para entender a complexidade dos museus enquanto instituições dinâmicas.

Por fim, o projeto Museus do Rio contribuiu para a discussão acadêmica sobre as políticas culturais e sua relação com a gestão museológica. A análise das políticas de preservação e divulgação do patrimônio cultural, bem como as práticas de financiamento e manutenção das instituições, revelou desafios e oportunidades para a sustentabilidade dos museus. Essas discussões são fundamentais para que os museus possam cumprir seu papel social e cultural de maneira efetiva, adaptando-se às mudanças sociais e buscando uma maior integração com as comunidades que representam. Em suma, o projeto não apenas documentou as realidades dos museus, mas também abriu espaço para reflexões profundas sobre o seu futuro no contexto contemporâneo.

4.2 Rio de Janeiro: um “Estado” de pluralidades

(...) se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua autoestima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno voo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. (Benjamin, 1989)

O Rio de Janeiro é um estado de múltiplas faces. Percorrendo suas ruas, é possível perceber mistos de identidades que podem ser vistas somente com olhares profundos, que buscam, em detalhes, conhecer, compreender e analisar a cidade.

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante. Na realidade, são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante. (MAGNANI, 2008, 38-39)

Nos percursos que realizamos pelas cidades, deparamos com uma pluralidade de cenários e características únicas que definem a identidade de cada região. Na região metropolitana do estado, podemos observar, de um lado, comunidades que enfrentam condições de vida extremamente precárias, enquanto, do outro, encontramos áreas com realidades totalmente opostas. A capital se destaca pela sua diversidade, abrigando quase 50% dos museus do estado, cada um dos quais narra uma parte da história da cidade e preserva sua memória para aqueles que desejam explorá-la. Assim parte a metodologia da nossa pesquisa:

“Partimos da noção de que os museus do Rio de Janeiro são signos de múltiplas narrativas sobre si mesmos e sobre o espaço onde se inserem. Por outro lado, estas narrativas revelam um aspecto extremamente fragmentário. São como ruínas no sentido atribuído por Walter Benjamin, sinais de mundos já desaparecidos. Todas as tentativas de estabelecer grandes narrativas que os interligassem em algum sistema comum parecem ter fracassado”. (ABREU, *mimeo*)

Assim, na metrópole, encontramos museus tradicionais e amplamente reconhecidos, como o Museu Nacional e o Museu Histórico Nacional, ao lado de instituições que trazem à tona uma memória subterrânea, como o Museu do Índio, em Botafogo. Em Niterói, destaca-se o Museu de Arqueologia de Itaipu, que revela a história e a memória indígena e dos sambaqueiros, além do Museu de Arte Contemporânea, cuja arquitetura já expressa seu caráter inovador. Na Baixada Fluminense, o Museu Vivo do São Bento, criado por um grupo

de professores, ilustra como a história do Brasil se desenrolou naquela localidade, abordando diversas épocas.

Subindo a serra, chegamos à Cidade Imperial de Petrópolis. Nesta cidade, cada passo revela vestígios de uma época crucial da história do Brasil, bem documentada no Museu Imperial. Para enriquecer ainda mais a visita, podemos explorar o Museu Casa de Santos Dumont e o Museu Casa do Colono.

Ao continuarmos nossa viagem pelo estado, chegamos ao noroeste fluminense, onde as cidades de Campos e Macaé se destacam por sua vocação museológica, manifestada em solares que revelam a história e a cultura dessas localidades.

Exploramos também a Costa Verde, onde em Paraty e Angra dos Reis observamos a relevância dos Museus de Arte Sacra. Paraty, com suas edificações históricas, ruas de pedra e vestígios do passado, pode ser considerada um museu a céu aberto. A interação entre a cidade e seus museus se torna evidente durante as festividades, quando os objetos sagrados saem dos museus e percorrem as ruas, numa prática que contrasta com a ideia de que os itens devem ser intocáveis. Angra dos Reis, por outro lado, apresenta uma realidade curiosa: após reformas urbanas que priorizaram o crescimento da cidade em detrimento da preservação, restaram poucos edifícios históricos. Um deles é a Igreja que abriga o Museu de Arte Sacra, que se esforça para manter tradições religiosas, como as procissões em que os objetos são levados pelas ruas, similar ao que ocorre em Paraty. Ao final desse percurso, encontramos em Mangaratiba o Museu das Conchas, que celebra a vida de um amante do mar, com uma coleção fascinante.

Na região do Médio Paraíba, além de ser crucial para a história do café, conservatória encanta os visitantes com suas tradicionais serenatas. A cidade se dedica a receber turistas em busca da música dos seresteiros, cujas apresentações nos finais de semana alegam as ruas. Os museus locais, como o Museu Vicente Celestino, Museu Gilda de Abreu, Museu Nelson Gonçalves e Museu da Seresta, homenageiam grandes compositores e refletem a rica cultura musical da região. Assim, podemos apreciar as serenatas enquanto sentimos o aroma e o sabor do café, elementos que fazem parte da história e memória local.

Na região Centro-Sul fluminense, destaca-se o Museu da Cachaça, que se diferencia pela paixão de um aviador que colecionava rótulos de cachaça. Além disso, as fazendas que pertenceram aos barões do café ainda estão presentes, abertas para visita, permitindo aos interessados conhecer as Casas Grandes e Senzalas que compõem a história local.

Em nossas viagens encontramos também dificuldades e características identitárias preocupantes. Enquanto a região metropolitana abriga quase 50% dos museus do estado, a

região norte fluminense é caracterizada pela ausência de museus. Este é um dado que se mantém ainda nos dias de hoje, como vimos anteriormente. A principal questão que nós fazemos quando nos deparamos com esses dados continua latente: Por que essa ausência de museus fora da cidade do Rio de Janeiro?

Essa “ausência” de museus fora da cidade do Rio de Janeiro pode ser atribuída a uma intersecção de fatores históricos, econômicos e culturais. Em primeiro lugar, a capital histórica do Brasil, devido à sua concentração de poder político e econômico, historicamente recebeu mais investimentos e atenção em termos de infraestrutura cultural. Isso resultou na predominância de museus e instituições culturais na cidade, em detrimento de outras regiões do estado.

Adicionalmente, as cidades fora da capital frequentemente enfrentam desafios relacionados à escassez de recursos financeiros e humanos, o que dificulta tanto a criação quanto a manutenção de museus. A falta de políticas públicas específicas voltadas para o desenvolvimento cultural nessas áreas também contribui para a limitação de instituições museológicas. Embora muitas cidades possuam uma rica história e um patrimônio significativo, frequentemente carecem do apoio necessário para documentar e apresentar essas narrativas de maneira adequada.

Outro aspecto relevante diz respeito à percepção e valorização da cultura local. Em diversos casos, as narrativas históricas e culturais de cidades menores podem não receber o mesmo reconhecimento que as da capital, resultando em uma sub-representação de suas memórias e identidades nos museus. Dessa forma, a ausência de museus fora do Rio de Janeiro reflete uma complexa inter-relação de fatores que ainda necessitam ser abordados para promover a valorização e preservação do patrimônio cultural em todo o estado.

Se toda pesquisa deveria envolver uma dificuldade, o que é específico da pesquisa etnográfica é que esta é trazida para o dia a dia e vivenciada pelo pesquisador. É em certa medida uma vida estranha que se constrói, no sentido de que algo se desenha do padrão do reconhecimento. E essa construção reúne necessariamente outras experiências, é uma vivência de outros também, envolvendo diferentes afetos e percepções presentes no campo e que o texto etnográfico busca expressar”. (CAIAFA, 2007,148)

Para concluir nossos percursos, chegamos à região da Costa do Sol, que abriga uma diversidade de museus, cada um com sua relevância e narrativa histórica. Começamos a destacar aqueles que valorizam a história indígena, como o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba e o Museu de Arqueologia de Araruama. Também encontramos instituições mais tradicionais, como o Museu de Arte Sacra e Religiosa de Cabo Frio, além de museus que

refletem características regionais, como o Museu do Surf, localizado em Cabo Frio, e o Museu Oceanográfico de Arraial do Cabo.

Fazer a etnografia dos percursos em museus tem possibilitado que ecoem múltiplas vozes. Os museus são espaços com muitas camadas estratigráficas, que não raro são contraditórias. No caminho da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Araruama na Costa do Sol, um museu apresenta à primeira vista a memória de uma fazenda de café com vestígios do que outrora foi uma casa grande. Na parte de trás, há alguns fragmentos do que teria sido uma senzala. Mas, a grande surpresa é encontrar neste mesmo espaço ossadas e conchas encontradas numa escavação, deixando visível a memória dos sambaquieiros, povos antigos que viveram no Brasil antes dos tupis. A memória é assim. Não tem fim. Por debaixo de uma camada tem outra e outra e outra e mais outra. Memórias que nem sempre se encontram ou se combinam. Memórias que por vezes se contrastam, se enfrentam, se contradizem. O território das memórias não é um território apaziguado, pelo contrário, constitui um campo de disputas e tensões. Não é tudo que fica. Como assinalou Pierre Bourdieu, o campo da memória é um campo de forças. Algumas se agenciam. Algumas se contrapõem.” (ABREU, *Texto Inédito*)

Dessa forma, finalizamos nossos percursos cientes de que as cidades visitadas são dinâmicas e possuem características únicas. Foi importante deixar-nos “impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso” (MAGNANI, 2008: 37), sobretudo por termos narradores diversificados e, algumas vezes, múltiplos narradores em um único museu os quais muitas vezes nos levaram muito além do que imaginávamos: nos tiraram unicamente de dentro da instituição museu e nos levaram em percursos pelas cidades a partir das histórias que os museus contam e das memórias que guardam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de campo é talvez o aspecto mais marcante e definidor da pesquisa etnográfica que se desenvolveu no âmbito da antropologia. Dirigir-se a um lugar, ficar, deter-se ali, construir uma vida, mesmo que provisoriamente, entre aqueles sobre quem se vai escrever, cultivar um dia a dia com eles, participar em parte do que se observa e se quer elucidar, têm sido atividades inseparáveis do empreendimento etnográfico. (CAIAFA, 2007, 148)

É possível questionar se um artigo que mapeia aspectos do projeto Museus do Rio pode realmente chegar a uma conclusão fechada, alinhada e cristalizada. O projeto "Museus do Rio" caracteriza-se, em essência, por ser um empreendimento em constante evolução, marcado por um processo permanente de pesquisa e atualização. Essa dinâmica reflete a natureza plural e complexa do patrimônio cultural fluminense, que está em contínua transformação e dialoga com as diversas realidades sociais, políticas e econômicas da região. Assim, as reflexões e descobertas apresentadas em um artigo sobre o projeto devem ser vistas

como partes de um diálogo em aberto, onde novas informações e perspectivas podem sempre surgir, enriquecendo a compreensão das narrativas e identidades regionais.

Essa fluidez no entendimento dos museus e suas respectivas histórias implica que cada pesquisa realizada não é um ponto final, mas um convite à exploração contínua. À medida que novos narradores emergem e novas experiências são compartilhadas, a narrativa coletiva se expande, revelando camadas de significados que anteriormente poderiam ter passado despercebidas. Portanto, ao invés de se buscar uma conclusão definitiva, é mais apropriado reconhecer a pluralidade de vozes e a riqueza de interpretações que emergem desse campo de pesquisa. Esse enfoque não apenas valoriza a diversidade cultural do estado, mas também enriquece a discussão acadêmica, permitindo que o conhecimento sobre os museus do Rio de Janeiro se desenvolva de maneira mais inclusiva e abrangente.

Contemporaneamente, os museus desempenham um papel crucial como instrumentos de transformação social e desenvolvimento, destacando-se não apenas pela preservação da memória e pela difusão da cultura — que abrange dimensões locais, nacionais e universais —, mas também por suas diversas interfaces com a sociedade contemporânea. No contexto do Estado do Rio de Janeiro, essa potencialidade dos museus se torna cada vez mais evidente, configurando-se como estratégias econômicas, políticas e sociais que promovem tanto o desenvolvimento sustentável quanto a autossustentabilidade das comunidades.

Os museus, ao atuarem como espaços de diálogo e reflexão, facilitam a interação dos diferentes grupos sociais e promovem a inclusão cultural, contribuindo para a coesão social e a valorização da diversidade. Além disso, suas atividades educativas e programáticas podem impulsionar o turismo cultural, gerando renda e emprego nas localidades onde estão inseridos. Nesse sentido, os museus não apenas preservam e interpretam o patrimônio, mas também se tornam agentes ativos na revitalização urbana e na promoção do desenvolvimento econômico regional.

As iniciativas museológicas, quando bem integradas ao planejamento estratégico de políticas públicas, podem catalisar o engajamento comunitário e fomentar uma conscientização coletiva sobre a importância da cultura e da história na construção da identidade local. Assim, os museus se apresentam como espaços dinâmicos e inovadores, capazes de se adaptar às demandas sociais contemporâneas e de contribuir efetivamente para o fortalecimento do tecido social, promovendo um legado cultural que transcende o tempo e o espaço.

A abordagem da “etnografia audiovisual de percursos” nos proporciona diversas perspectivas para interpretar as trajetórias e cenários que abrigam os museus no estado do Rio

de Janeiro, que se manifestam como vestígios de épocas e contextos distintos. Quando um edifício é preservado, um acervo é protegido ou um museu é estabelecido, especialmente dentro de uma política cultural municipal, tais ocorrências podem ser vistas como relevantes. O que optamos por conservar reflete nossas prioridades, enquanto o que descartamos ou esquecemos revela o que não consideramos significativo. A construção da memória não ocorre de forma automática; ela requer agentes e meios que a sustentem. Assim, os museus podem ser entendidos como ferramentas que oferecem insights sobre aqueles que os fundam e mantêm, bem como sobre aqueles que os alteram, negligenciam ou até mesmo destroem.

Com o intrincado processo de transformações que caracteriza a sociedade contemporânea, surgem diversas questões relacionadas às chamadas “memórias subterrâneas”, em especial as memórias indígenas, que merecem uma análise aprofundada. Nos últimos anos, essas memórias têm conquistado um espaço cada vez mais significativo no cenário nacional. Como observa Michael Pollak (1992, p. 03), “... uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa de memória...”.

Este trabalho nos proporciona a oportunidade de vivenciar a experiência do viajante que explora as cidades, buscando um sentido mais profundo em sua jornada, tal como sugere Deleuze. A vivência no campo, especialmente ao aplicar a metodologia da etnografia dos percursos, se revela como uma experiência enriquecedora. O “pai” que encontramos nesse processo é, na verdade, a diversidade de informações e identidades que permeiam as cidades e os caminhos que percorremos. Cada visita e cada relato contribuem para contar a história do estado do Rio de Janeiro e da Cidade Maravilhosa, ressaltando suas nuances e diferenças. Assim, esta pesquisa não apenas mapeia, mas também celebra a complexidade cultural e histórica que molda essas localidades, revelando a riqueza das narrativas que frequentemente permanecem à margem das narrativas dominantes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. **Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus**: notas sobre a etnografia dos percursos. 2009. Trabalho inédito.
- ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1994. (1ª Ed. 1989)

BENJAMIN, W. **O Narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**: Transcrição Integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos.

GONÇALVES, J. R. S. Os Museus e a Cidade. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (org.) **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUYSSSEN, A. Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: **Contraponto**, 2014

MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. L. (orgs.). **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, M. MEMÓRIA, **Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OLIVEIRA, R. A. O Estado do Rio de Janeiro e os Museus: Percursos para Desvendar Outras Cidades Maravilhosas. **Rev. FSA**, Teresina, v. 21, n. 12, art. 4, p. 73-91, Dez. 2024.

Contribuição dos Autores	R. A. Oliveira
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X